



Crescendo Juntos - Roma e Canterbury, 22-29 de janeiro de 2024

O chamado episcopal da IARCCUM

Nosso testemunho, chamado e compromisso comuns

Após quatro séculos de conflito e separação, a Igreja Católica Romana e a Comunhão Anglicana estão caminhando em direção à reconciliação há quase seis décadas. Às vezes, o caminho tem sido acidentado, mas o Espírito Santo tem trabalhado e nossas igrejas têm perseverado em um diálogo que tem sido extraordinariamente frutífero. Ao caminharmos juntos, passamos a nos reconhecer como discípulos e discípulas de Jesus Cristo que amam a Deus e desejam ser fiéis à orientação do Espírito. Com gratidão a Deus pela dignidade e pelo chamado que cada um de nós recebeu nas águas do batismo, proclamamos de bom grado que nossa comunhão em Cristo é uma fonte de alegria e vida. Embora essa comunhão ainda não seja plena, décadas de rico diálogo teológico, alimentado pela oração por e com cada um de nós, nos levaram a um lugar onde os laços que nos unem são profundos e significativos. No entanto, em nossas igrejas, mal começamos a fazer tudo o que é possível fazer juntos.

A tarefa e a missão da Comissão Internacional Anglicana-Católica Romana para Unidade e Missão ([IARCCUM](#)) é encaminhar os resultados desse diálogo e "preencher a lacuna entre os elementos de fé que temos em comum e a expressão tangível dessa crença compartilhada em nossas vidas eclesiais" (*Growing Together in Unity and Mission* §10). Ciente de que Deus nos enviou para nos engajarmos em um testemunho comum, para construirmos relacionamentos de amizade em Cristo, para trilharmos juntos um caminho sinodal e para compartilharmos, sempre que possível, da missão da Igreja, a IARCCUM reúne bispos de todo o mundo onde anglicanos e católicos vivem lado a lado em número significativo.

Testemunhas

1. Nós, os cinquenta bispos da IARCCUM, desejamos dar testemunho da profunda experiência de nossa semana de peregrinação em Roma e em Cantuária (22-29 de janeiro de 2024). Nossa peregrinação nos levou dos túmulos dos mártires Pedro e Paulo, em Roma, ao santuário de Thomas Becket, em Cantuária, passando pelos mártires modernos comemorados na igreja de San Bartolomeu, na Ilha do Tibre. Ao longo do caminho, ouvimos o testemunho de alguns de nossos bispos que ministram corajosamente em circunstâncias de violência, sofrimento agudo, opressão e guerra. Em um mundo tão marcado e ferido, ouvimos em muitos lugares falar de uma igreja sofredora e do apelo para que todos nós estejamos unidos em oração. A vocação da Igreja é amar e testemunhar o amor de Deus em face do sofrimento.



2. O martírio está há muito tempo no centro do testemunho da Igreja. Para os primeiros cristãos, os mártires simbolizavam a esperança, a solidariedade e o testemunho da verdade em face da perseguição ou da opressão. O mesmo acontece com a Igreja hoje. Os mártires de nosso tempo são testemunhas da esperança a serviço da verdade e do amor. Nossa esperança cristã é encontrada em Deus, que sempre vai à nossa frente e nós seguimos em sua correnteza.
3. A Igreja é uma comunhão chamada a servir o mundo que Deus ama. A missão de Jesus, que continua até hoje, nos convida a participar da vida de Deus, o amor eterno compartilhado entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O convite para participar dessa peregrinação da IARCCUM, a hospitalidade que recebemos em Roma, em Cantuária e, acima de tudo, na generosidade e no compartilhamento de cada um, foi um sinal tangível da hospitalidade de Deus. Vindos de 27 países diferentes, nosso encontro refletiu a ampla diversidade da vida e do ministério da igreja em nossas duas tradições atuais.

Amizade

4. As amizades foram cultivadas nessa peregrinação, e isso é muito mais do que mero sentimento. Assim como os discípulos na estrada para Emaús, estamos trilhando o caminho juntos com Cristo em nosso meio. Por reconhecermos um Senhor, reconhecemos uns aos outros como Seus discípulos e somos fortalecidos para a jornada à frente. Os laços de confiança estão sendo forjados, desafiando noções preconcebidas e permitindo que falemos uns com os outros com a franqueza que a amizade permite.
5. Na oração da manhã na Igreja de São Gregório, em Roma, ouvimos as palavras do Papa São Gregório a Santo Agostinho, o primeiro arcebispo de Cantuária: "Estamos buscando na Grã-Bretanha irmãos [e irmãs] que não conhecemos". O ecumenismo é sempre a redescoberta de irmãs e irmãos dos quais estivemos separados por muito tempo.
6. Nossos dias juntos coincidiram com a Semana de Oração pela Unidade Cristã [celebrada no norte do mundo em Janeiro] que este ano se concentrou na história do Bom Samaritano, a parábola que Jesus contou em resposta à pergunta: "E quem é o meu próximo?" (Lc 10:29). Em sua homilia durante as Vésperas da festa da Conversão de São Paulo, da qual participamos na basílica de São Paulo fora dos Muros, o Papa Francisco disse que "a pergunta certa não é. Quem é o meu próximo? "Quem é meu vizinho?", mas "Eu escolher ser próximo de quem?"" , acrescentando que "todos neste mundo são meus irmãos ou minhas irmãs" e que "somente um amor que se torna serviço oferecido gratuitamente, somente o amor que Jesus ensinou e encarnou, aproximará os cristãos separados uns dos outros". O Arcebispo Justin, pregando imediatamente após o Papa Francisco no mesmo serviço de Vésperas, e perguntou: "por que o samaritano pôde ajudar o homem ferido?" Ele respondeu: "porque ele era livre, e o que o tornou livre foi o amor". Nesse momento em que o Papa Francisco e o Arcebispo Justin compartilharam o ministério da Palavra, foi-nos oferecido um poderoso testemunho de bispos como amigos, falando uma palavra juntos para edificar nossas igrejas na missão para a qual Deus nos chama. Incentivados por seu exemplo, fomos enviados pelo Papa e pelo Arcebispo ao final das Vésperas para ministrarmos uns aos outros e testemunharmos a unidade pela qual nosso Salvador orou.

Um caminho sinodal

7. Nossa amizade nos diz uma verdade profunda: precisamos uns dos outros. São João Crisóstomo ensinou que "Igreja e sínodo são sinônimos". Em nossos dias juntos, ouvimos sobre o progresso que ambas as nossas igrejas estão fazendo para revelar a sinodalidade

fundamental da Igreja em todos os níveis. A sinodalidade não se refere apenas à governança da Igreja; trata-se de colocar os relacionamentos no centro da vida da Igreja. "Primeiro nossos irmãos e irmãs, depois as estruturas", lembrou-nos o Papa Francisco quando estávamos na Basílica de São Paulo fora dos Muros, em Roma. A sinodalidade serve à nossa compreensão mais profunda da verdade e ao nosso crescimento em santidade. Precisamos uns dos outros. Precisamos ouvir o testemunho de cada um em viver o Evangelho em diferentes circunstâncias. Precisamos do entendimento do outro sobre a única fé para ampliar nosso próprio limitado entendimento. Como bispos, nossa função pastoral compartilhada é ajudar o povo peregrino de Deus a discernir a verdade do Evangelho de Cristo. A sinodalidade não diz respeito apenas à Igreja, mas aponta para o envolvimento de toda a humanidade e de toda a criação, inserida no coração amoroso de Deus.

8. O ponto central de nossa peregrinação conjunta foram nossos momentos de oração: tanto nos ofícios diários da Oração da Manhã e da Noite quanto na Eucaristia. Embora não tenhamos podido receber a Eucaristia juntos, fomos enriquecidos e abençoados pela devoção, tradições espirituais e vida litúrgica um do outro. O ato de nos aproximarmos do altar para uma bênção quando não pudemos receber a Eucaristia, embora marcado pela tristeza, foi para muitos de nós uma experiência comovente de comunhão espiritual e um impulso adicional para continuarmos essa jornada para que um dia possamos partir o pão juntos em torno do mesmo altar.
9. Sabemos, com base em nossa experiência de missão cristã, que somos mais ricos quando fazemos juntos tudo o que é possível fazer juntos. Somos enriquecidos por meio da oração compartilhada, da profissão de fé dos credos e do único batismo que nos une à vida, à morte e à ressurreição de Cristo.

Missão

10. Foi apropriado que nossa última visita a Roma, antes de partirmos para Cantuária, fosse à igreja de São Gregório no Monte Célio, de onde Gregório enviou Agostinho em missão aos ingleses. Assim como Cristo foi enviado para nos reconciliar com Deus e uns com os outros, ele também enviou seus apóstolos. Regozijamo-nos com o fato de que, por meio do envio de gerações sucessivas, o ministério de reconciliação de Cristo chegou a todos nós em nossos diversos ambientes.
11. Reunidas em missão, nossas igrejas procuram compartilhar a única esperança e a única fé com o mundo. A Igreja se torna encarnada e arma sua tenda onde quer que seja enviada, e é chamada a um evangelismo incansável. Essa incumbência do Evangelho é uma tarefa ampla a serviço do florescimento da vida humana em todos os aspectos. Há necessidade de um compromisso dispendioso se quisermos ser eficazes na missão. Essa tarefa não deve ser construída sobre nossas próprias fantasias, mas fundamentada em um relacionamento real e vivo com Cristo e uns com os outros. Não podemos viver isolados uns dos outros como igrejas.
12. Ao compartilharmos os desafios e as esperanças de nossos povos em diferentes partes do mundo, ouvimos como em muitos lugares os povos indígenas, os descendentes de pessoas escravizadas e outros vivem com o legado da colonização e da assimilação. Ouvimos o chamado para nos arrependermos de nossa participação nos esforços de colonização e nos comprometemos com novas formas de caminharmos juntos e de nos solidarizarmos com aqueles marcados por esse doloroso legado.

13. Somos chamados a viver em solidariedade com todos aqueles entre os quais servimos. Com e como a Igreja dos pobres, e em locais de protesto, buscamos amplificar vozes que, de outra forma, não seriam ouvidas. Desejamos ouvir e prestar atenção às vozes das mulheres e dos grupos étnicos minoritários onde quer que eles vivenciem a marginalização ou a negação de sua dignidade humana. Com os gritos dos pobres, desejamos ouvir e responder aos gritos da terra e ouvir os jovens que estão buscando esperança e significado para o futuro. Em face do crescente secularismo, a solidariedade na missão é cada vez mais urgente. Em muitos lugares, os cristãos vivem como minoria, e essa solidariedade enriquece nosso diálogo com outras religiões.
14. Compartilhamos histórias sobre os efeitos catastróficos da mudança climática nas diferentes partes do mundo de onde viemos - não apenas no próprio planeta, mas em suas criaturas mais vulneráveis e nas pessoas que já vivem nas margens do mundo. Fomos lembrados de que um aspecto primordial e urgente de nossa missão comum como católicos romanos e anglicanos é cuidar de nossa casa comum, que está "sob ameaça e em risco de colapso" (Lambeth Conference 2022, [Lambeth Call 2](#) Chamado De Lambeth - Meio Ambiente E Desenvolvimento Sustentável §2.3) e "perto do ponto de ruptura" (Papa Francisco, [Exortação Apostólica Laudate Deum](#) §2).
15. Nossa solidariedade com aqueles que sofrem não pode obscurecer o fato de que nossas igrejas são chamadas à conversão e à renovação. Estamos profundamente conscientes de nossa necessidade de nos arrependermos por causa dos graves pecados de abuso perpetrados por membros de ambas as nossas comunhões. Fomos chamados à tarefa pelas vítimas/sobreviventes de abuso sexual por aqueles que ministram na Igreja, que nos pediram para dar passos significativos em direção à transparência e à responsabilidade. Fomos solicitados a ouvir as experiências das vítimas/sobreviventes e a caminhar com elas para aprender a responder de forma compassiva quando elas se manifestarem e a entender o que é necessário para a restauração e cura. Fomos incentivados a nos preocupar menos com a reputação de nossas igrejas e a dar importância primordial ao acompanhamento daquelas pessoas que foram profundamente feridas por membros de nossas igrejas.
16. Enviados para colher aquilo pelo qual não trabalhamos (João 4:38), somos agora enviados para compartilhar a graça dessa peregrinação que empreendemos com nosso Senhor e uns com os outros: em nossas dioceses, com nosso clero e líderes leigos, com nossos colegas bispos, em nossos seminários e em nossas escolas. Podemos levar conosco as palavras que foram cantadas quando o Papa Francisco e o Arcebispo Justin compartilharam conosco a saudação de paz no final das Vésperas na Basílica de São Paulo fora dos Muros: "Quando estivermos todos reunidos, vamos nos esforçar para manter nossas mentes livres de divisão". Somos encorajados e inspirados por seu exemplo de afeto mútuo e palavras e ações compartilhadas a serviço do Evangelho.
17. Somos enviados para proclamar a alegre mensagem do reino eterno de Deus como companheiros de peregrinação uns dos outros na jornada missionária. Prometemos proclamar as Boas Novas de paz àqueles que vivem em lugares flagelados por guerras contínuas e àqueles que vivem sob a ameaça da violência; as Boas Novas de misericórdia àqueles que vivem com carência e com culpa; e as Boas Novas de justiça e restauração àqueles que são oprimidos ou que sofrem com a vergonha infligida por outros. Buscamos nossa força na graça de Deus e com amor e oração por aqueles a quem servimos. Nós nos esforçamos

para estarmos unidos na pregação do Evangelho em palavras e ações, unidos no serviço àqueles que são mais vulneráveis e marginalizados.

18. O Papa Francisco e o Arcebispo Justin nos enviaram do túmulo de São Paulo, o apóstolo das nações, como amados colaboradores do Reino de Deus. O Cardeal Stephen Chow nos lembrou, em seu sermão na Eucaristia de encerramento na Catedral de Cantuária, que "os doze apóstolos e discípulos não foram chamados para formar acampamentos trabalhando em suas próprias missões ou competindo uns com os outros. Eles foram chamados para se tornarem uma assembleia, uma comunidade, uma comunhão, uma *koinonia* sinodal, orando e discernindo, ensinando e servindo para a missão de nosso Deus Triúno". Estamos decididos a dar testemunho da esperança do amor de Deus ao pregarmos e celebrarmos os sacramentos com o povo santo de Deus.

Ao retornarmos às nossas igrejas locais após nossa peregrinação em Roma e em Cantuária, oramos para que nosso ministério, lado a lado, como católicos romanos e anglicanos, seja para o mundo uma amostra da reconciliação de todos os cristãos na unidade da única Igreja de Cristo.

Roma/Cantuária
28 de janeiro de 2024



Esse documento foi redigido pelos bispos que participaram da cúpula Growing Together (Crescendo Juntos) da IARCCUM, realizada em Roma e em Cantuária (22 a 29 de janeiro de 2024)

Data da Publicação: 1 Fevereiro 2024

Para mais informação: [IARCCUM website](https://www.arccum.org)



Texto do comissionamento dos bispos da IARCCUM *durante a celebração de* **Vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo**

Papa Francisco (em italiano)

Irmãos e irmãs,

Há quatorze séculos, o Papa Gregório Magno encarregou Santo Agostinho, primeiro arcebispo de Cantuária, e seus companheiros de partirem de Roma para pregar a alegria do Evangelho aos povos da Inglaterra. Hoje, com gratidão a Deus por nossa participação no Evangelho, nós os enviamos, amados colaboradores do reino de Deus, para que, onde quer que exerçam seu ministério, possam juntos dar testemunho da esperança que não engana e da unidade pela qual nosso Salvador orou.

O Arcebispo de Canterbury

Irmãos e irmãs,

Deus nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação. Ao enviá-los do túmulo do Apóstolo das Nações, pedimos que façam desse ministério o seu cuidado especial. Ao pregarem e celebrarem os sacramentos com o povo santo de Deus, testemunhem a única esperança de seu chamado. Que seu ministério, lado a lado, como católicos romanos e anglicanos, seja para o mundo uma antecipação da reconciliação de todos os cristãos na unidade da única Igreja de Cristo, pela qual oramos neste dia.

O Papa e o Arcebispo de Cantuária juntos

A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês.

